

Por uma pedagogia da mobilidade: notas sobre migrações estudantis

Damiana Ballerini¹
Maria Aparecida Silva²

Resumo:

Quando falamos em migrações estudantis no eixo Brasil-external é importante ressaltar a emergência de se repensar a educação para além da escola, a partir da ideia de uma Pedagogia da Mobilidade, que problematiza a circulação de saberes, pessoas entre diversos lugares e aborda a mobilidade, sobretudo internacional, como forma de investimento pessoal ou profissional cada vez mais valorizado. Sendo assim, a experiência de estudar “fora” é cada vez mais evocada como busca de outras oportunidades pessoais, educacionais, mudanças de vida e melhores oportunidades profissionais, além de fomentar relações bilaterais ou multilaterais entre países.

Palavras-chave: migrações estudantis, pedagogia da mobilidade, pedagogia cultural.

Pedagogy of mobility: notes about student migration

Abstract:

When we talk about student migration in Brazil-abroad axis is important to realize the emergence of a rethinking education beyond school, from the idea of a Pedagogy of mobility, which discusses the knowledge's and people's circulation between different places and approaches mobility, particularly international, as a form of personal or professional investment increasingly valued. Thus, the experience of studying abroad is increasingly referred to as search of other opportunities (personal, educational, life changes and better career) beyond foster bilateral or multilateral relations between countries.

Keyword: student migration, pedagogy of mobility, cultural pedagogy.

¹ Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestra pelas *Alma Mater Studiorum* – Università di Bologna (UNIBO) e Universidad de Granada (UGR) – e doutoranda pela UGR em Estudos de Mulheres e de Gênero. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Educação, Culturas e Pedagogias Contemporâneas (Uergs/CNPq).

² Educadora, pesquisadora da área de sociologia, educação e relações étnico-raciais. Graduação em Ciências Sociais e Mestrado em Sociologia, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) – Faculdade de Ciências e Letras/ FCLAr/ Campus de Araraquara/SP e Doutorado em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

INTRODUÇÃO

Il nomadismo è soprattutto un atteggiamento dello spirito. Saper uscire ed entrare da luoghi in senso metaforico è tanto libertario quanto intraprendere un viaggio in ambito geografico. [...] Un modo di essere in transito. [...] Ho transgredito le frontiere, dentro e fuori. Così ho raggiunto pienezza, nella vita, quindi nella poesia. (DONAT, 2012, p. 301-302)

Este artigo é parte das discussões oriundas de uma pesquisa de doutorado em Estudo de Mulheres e de Gênero, desenvolvido junto à Universidad de Granada (UGR), que analisa a inter-relação entre educação, gênero e migrações. A metodologia utilizada aqui é a pesquisa bibliográfica sobre as migrações estudantis universitárias interligando o contexto brasileiro e o internacional.

A mobilidade de estudantes tem sido acompanhada pela busca de outras oportunidades pessoais, educacionais, mudanças de vida e melhores oportunidades profissionais no mundo do trabalho. É importante ressaltar a emergência de se pensar em uma *Pedagogia da Mobilidade*, já que os deslocamentos entre cidades, estados, províncias ou países estão interligados a aprendizagens: de si, de nacionalidades, de identidades, de nomadismos e de fronteiras.

Vale ressaltar que a proposta deste artigo não é discutir a qualidade dos cursos universitários oferecidos e muito menos tentar averiguar as causas de tais deslocamentos. O objetivo é traçar algumas notas sobre este fenômeno de mobilidade estudantil que não se apresenta somente a partir de um viés “clássico” cujo foco é, muitas vezes, econômico, de migração como fuga da pobreza, em que o sujeito parte para outro lugar em busca de trabalho. Ao pensarmos estes deslocamentos podemos ir mais além e levantar outras possibilidades que os motivam, como a de estudar “fora”, em outra cidade, estado ou no exterior.

No contexto universitário brasileiro, avaliações como o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) acompanhado do Sistema de Seleção Unificada (*Sisu*) são apontados como possíveis motores de mobilidade estudantil dentro do país, já que permitem que os estudantes façam a prova em seu local de residência, para depois candidatarem-se a uma vaga em qualquer instituição universitária dentro do território nacional. Na esfera internacional há, também, o Programa *Ciências sem Fronteiras* (CsF), lançado nos últimos anos, e que

tem possibilitado intercâmbio com várias modalidades de bolsas de estudo —graduação, tecnólogo, desenvolvimento tecnológico, doutorado sanduíche, doutorado pleno, pós-doutorado e mestrado profissional— entre universidades brasileiras e estrangeiras. Porém, o Programa não permite candidatura a todos os estudantes, técnicos e professores já que conta com algumas áreas prioritárias.

A mobilidade estudantil mostra-se como uma oportunidade de interligar estudantes, técnicos e professores brasileiros e estrangeiros tanto dentro como fora do país em nível de graduação e pós-graduação. Não podemos esquecer que além das possibilidades citadas, há ainda outras bolsas de estudo oferecidas por agências de fomento brasileiras ligadas ao Ministério da Educação (MEC): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), além de outros organismos e instituições internacionais. Contudo, há os estudantes que migram com recursos próprios.

Dadas essas considerações gerais, nosso objetivo é problematizar as condições para falarmos em uma possível *pedagogia da mobilidade*. Para tal, discutimos sobre as relações entre nomadismo, fronteiras, migrações estudantis, e as reverbações disso para a constituição da circularidade de saberes e vivências presentes nas diversas instâncias educativas de nossas vidas.

PEDAGOGIA DA MOBILIDADE, NOMADISMO E FRONTEIRAS

Em um mundo de mudanças aceleradas, fronteiras perenes e contatos, muitas vezes, fugazes, a *Pedagogia da Mobilidade* apresenta-se como uma possibilidade de pensarmos os deslocamentos estudantis pelos mais diversos espaços e tempos. Sobretudo, porque ela mesma tem uma forte ligação com a migração de saberes e de pessoas, tratando da educação para além da escola ou das instituições de ensino. A noção de *Pedagogia da Mobilidade* surge do esforço de pensar a educação a partir dos deslocamentos em nosso mundo “sobremoderno” envolto em paradoxos, buscando inspiração em algumas ideias levantadas por *Por uma antropologia da mobilidade*, de Marc Augé (2010).

A *mobilidade* está ligada, sobretudo, a movimento e a mudança, enquanto “qualidade do que é móvel; faculdade de mover(-se); agitação (do

que se move com animação); facilidade em mudar de expressão e volubilidade, inconstância” (PRIBERAM). Tendo também ligação com as palavras *migrar* e *migração*. A primeira refere-se a “deslocar-se para outro lugar, país ou região; fazer a transferência de (dados ou informação); substituir (um programa ou sistema) por outro” (PRIBERAM). Já a segunda tem sentido de “passagem de um lugar para outro, acto ou efeito de migrar; acto de passar de um país ou de uma região para outro; conjunto de viagens periódicas de certas espécies de animais, consoante as estações do ano e as condições climáticas” (PRIBERAM).

A própria ideia de Pedagogia é polissêmica e permite ir além da relação com a instituição escolar e sua educação formal. Neste sentido, a Pedagogia está relacionada à Educação em uma visão mais ampla, que evoca também sua articulação com a cultura, como salienta Tomaz Tadeu da Silva (2009, p. 139) ao entender a relação entre *a Pedagogia como cultura e a cultura como Pedagogia*: “tal como a educação, as outras instâncias culturais também são pedagógicas, também têm uma 'pedagogia', também ensinam alguma coisa. Tanto a educação quanto a cultura em geral estão envolvidas em processos de transformação da identidade e da subjetividade”.

Assim como a *Pedagogia da Mobilidade* permite estabelecer relações entre os deslocamentos de pessoas, saberes e bens através das fronteiras, a ideia de *Pedagogia Cultural* possibilita pensar a educação através da produtividade pedagógica de diferentes aparatos da cultura na formação do ser humano a partir de relações de poder, já que ela

[...] inclui 'áreas pedagógicas' entendidas como 'aqueles lugares onde o poder é organizado e difundido, incluindo-se bibliotecas, TV, cinemas, jornais, revistas, brinquedos, propagandas, videogames, livros, esportes etc.'. Com base nesse entendimento, têm sido investigados tanto variados veículos da mídia jornalística impressa e televisiva, contemplando não só matérias 'informativas' mas também peças publicitárias, quanto produtos de entretenimento, tais como filmes, desenhos animados, seriados de TV; neles se têm buscado esquadrihar seus 'ensinamentos', pertencentes a uma gama também muito variada, valendo-se daqueles referentes à própria educação (escola, 'progresso', professora, aluno etc.) e se espalhando para outros campos, como as lições sobre o bem e o mal, sobre o que é ser mulher, sobre o que é ser índio, sobre o que é a nação, sobre o que é natureza, sobre a tecnologia, sobre o nosso corpo, sobre a genética, sobre como nossa relação com os animais nos constitui 'humanos' etc. Nessas lições, freqüentemente se estabelece o normal e, concomitantemente, o desviante; o 'progressista',

sinalizando para o 'antiquado'; o certo, sinalizando para o errado, em um panorama que, marcado pelas questões culturais, é naturalizado e mostrado como 'moderno', 'atual', 'biologicamente condicionado', 'estando na ordem das coisas'. (STEIBERG; KINCHELOE, 2001, p. 14 *apud* COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 56)

Assim como a Pedagogia Cultural nos ajuda a ampliar o entendimento sobre a Educação, a nosso ver uma Pedagogia da Mobilidade nos auxilia a problematizar os movimentos de deslocamento estudantis tanto dentro de uma própria região como no exterior. No caso brasileiro, os projetos de expansão e de interiorização das universidades públicas têm por objetivo criar mais vagas nas universidades possibilitando o estreitamento de laços entre pequenas localidades e grandes centros. Isso seja em termos de qualificação, aperfeiçoamento, possibilidade de ascensão social e qualidade de vida para as pessoas que até alguns anos atrás viam estas possibilidades como remotas, muitas tendo que migrar para outros lugares a fim de estudar e/ou trabalhar. Os projetos de interiorização das universidades, além de mudar a configuração dos lugares, das vivências e experiências e modo vida, é um diálogo com o global e o local. Porém, apesar das instituições de ensino superior locais oferecerem novas oportunidades de estudo, as migrações estudantis continuam existindo, já que “a mundialização dos mercados de produção, ou forças produtivas, tanto provoca a busca de força de trabalho barata em todos os cantos do mundo como promove as migrações em todas as direções” (IANNI, 2011, p. 21).

Marc Augé (2010) pontua que na mobilidade “sobremoderna”, o prefixo ou a expressão “sobre” pode ter vários sentidos como o de excesso, “[...] ele designa a superabundância de causas que complica a análise dos efeitos” (AUGÉ, 2010, p. 15). Nesse sentido, a mobilidade sobremoderna vai além do deslocamento de populações e pode estar relacionada às trocas entre pessoas e lugares: “[...] exprime-se nos movimentos de população (migrações, turismo, mobilidade profissional), na comunicação geral instantânea e na circulação dos produtos, das imagens e das informações” (AUGÉ, 2010, p. 15). Essa mobilidade “sobremoderna”, dos anos 2000 e própria da modernidade atual, é também atravessada pelo estilo de vida nômade, além da velocidade das interações possibilitada pelos meios de transporte e de comunicação. Assim,

Nômade é a palavra-chave que define o modo de vida, o estilo cultural e o consumo dos anos 2000. Pois todos carregarão consigo então a sua identidade: o nomadismo será a forma suprema da ordem mercantil... Os meios de transporte

(automóvel, avião, trem, navio), suportes naturais deste nomadismo, serão lugares privilegiados de reunião de objetos nômades: telefones, telefax, televisores, leitores de vídeo, computadores, fornos de microondas... Seja em avião, trem, navio ou a domicílio, o indivíduo se alimentará movendo-se, a fim de não perder tempo. (ATTALI, 1991, p.81-82 *apud* IANNI, 2011, p. 26)

Quando falamos de mobilidade, geralmente emerge a noção de *fronteira*, utilizada como marco tanto conceitual como físico para unir ou separar pessoas e objetos. Além disso, no pensamento ocidental ela é evocada para mostrar visões de mundo em termos binários como masculino e feminino ou eles/elas (outros) e nós. No entanto, a noção de fronteira está envolta em paradoxos, pois se por um lado ela separa termos que parecem em um primeiro momento como diferentes e distantes, ela também os une e nos faz questionar sua própria ideia mais tradicional, buscando redefini-la. Augé (2010, p.21-22) refere a isso do seguinte modo:

Novas fronteiras se desenham, ou antes, novas barreiras se erguem seja no interior dos países subdesenvolvidos ou de países emergentes, entre os setores ricos, figurando na rede da globalização tecnológica e econômica e os outros. De um outro lado, os que sonham com uma sociedade mais humana, e consideram que o planeta é sua pátria, não podem ignorar nem a força dos enclausuramentos comunitários, nacionais, étnicos ou outros, que desejam redefinir fronteiras, nem o expansionismo dos proselitismos religiosos, que sonham conquistar o planeta desordenando todas as fronteiras.

A própria globalização ou mundialização relaciona-se com as fronteiras, pois se fala que em nosso mundo sobremoderno há um apagamento ou transgressão delas, onde as barreiras entre pessoas e países pouco a pouco vêm sendo derrubadas para promover uma integração ou, por outro lado, a busca por uma homogeneização de culturas. Porém, a globalização não é uma homogeneização do mundo (IANNI, 2011) e, sim, cria paradoxos como as fronteiras, pois há aqueles que têm acesso aos mais variados bens e conhecimentos e outros que são excluídos deste mundo. Na globalização as fronteiras são repensadas à luz dos paradoxos de nosso mundo, sendo “esse um universo de diversidades, desigualdades, tensões e antagonismos, simultaneamente às articulações, associações e integrações regionais, transnacionais e globais” (IANNI, 2011, p. 27). Nessa direção,

[...] as *fronteiras* entre países e as grandes *idades* como contextos que condicionam os formatos, os estilos e as

contradições específicas da hibridação. As fronteiras rígidas estabelecidas pelos Estados modernos se tornaram porosas. Poucas culturas podem ser agora descritas como unidades estáveis, com limites precisos baseados na ocupação de um território delimitado. (CANCLINI, 2008, p. XXIX)

As migrações, em um mundo sobremoderno, estão inseridas em movimentos de globalização e movimentos que vão na contramão, como os regionalismos, que tentam colocar em xeque o processo de homogeneização. Vale salientar que “o problema, e o próprio tema do movimento, não é como 'desfazer' a unificação do planeta, mas como domar e controlar os processos, até agora selvagens da globalização — e como transformá-los de ameaça em oportunidades para a humanidade” (BAUMAN, 2005, p. 94). Cabe como reflexão pensar que o desencadeamento da globalização pode não ser tão eficiente a ponto de manter uma unificação das culturas, devido ao processo de acesso aos mais diversos bens e saberes ser desigual, podendo permanecer ambivalências do estar aqui e agora, como assinala Bauman:

A grande maioria dos habitantes do planeta, que permanece presa ao local de nascimento e, se desejasse ir para outros lugares em busca de uma vida melhor ou simplesmente diferente, seria detido na fronteira mais próxima, confinada em campos para 'imigrantes ilegais' ou 'enviada de volta para casa'. Essa maioria é excluída do banquete mundial. Para ela não existe 'bazar multicultural'. (2005, p. 103)

De acordo com Castanho (2001), o capitalismo e a globalização são movimentos intrínsecos e ambos teriam um pouco mais de 500 anos, já que a própria colonização do novo mundo está atrelada à formação dos Estados modernos europeus e fomentou a sua modernidade. O Estado moderno (Estado Nacional) está ligado à nação, à língua, à cultura e à educação.

A educação, ademais de ser um palco de aprendizagens, é um instrumento utilizado pelos Estados-nação para consolidar uma língua nacional, costumes e origens “comuns” de sua população, criando uma (ao menos suposta) unidade nacional. Ainda assim, a educação sofre algumas transformações em sua estrutura que ultrapassam as fronteiras dos Estados-nacionais via financiamento dos sistemas de ensino estatais por agentes ou organismos internacionais, que cada vez mais direcionam suas decisões a partir de seus interesses, bem como nas avaliações institucionais tanto internas como externas que ditam decisões importantes na sua reestruturação. Neste sentido, a educação está envolta em um cenário internacional onde opera uma

lógica de mercado (SANFELICE, 2001), em que a ela deve oferecer lucro e obedecer a uma organização empresarial.

Pela educação envolver um longo processo de aprendizagens, como já salientado, ela depende da participação de sujeitos em busca, a nosso ver, de uma transformação social – não pode ser pensada, assim, somente como um meio de obter diplomas ou meros resultados. Contudo, é interessante ressaltar que muitos estudantes emigram para outros lugares em busca de melhores oportunidades escolares e/ou educacionais ou almejam incrementar o valor de seus diplomas com estudos em instituições superiores com renome internacional. São várias as pessoas que empreendem viagens migratórias desde curtos até longos períodos e a ideia de estudar “fora” pode alavancar uma estada mais longa do que a prevista.

No contexto da mobilidade é importante pensar em diversos sujeitos que participam deste processo, seja como migrante, exilado, nômade ou transmigrante. Este último é evocado para dar sustentação aos contatos entre vários países, já que muitos dos migrantes mantêm laços com seus países de origem e se situam em um lugar entre fronteiras, não deixando de lado suas “raízes” (GLICK-SCHILLER; BASCH; BLANC, 1995). *Migrante* “é composto por lugares fixos: da 'casa' para países 'anfitriões', em uma série de deslocamentos consecutivos”. *Exilado* “marca a separação radical de – e a impossibilidade de retorno ao – ponto de partida”, enquanto *nômade* “se posiciona pela renúncia e desconstrução de qualquer senso de identidade fixa”, e também “tem a ver com transições e passagens, sem destinos pré-determinados ou terras natais perdidas” (BRAIDOTTI, 2002, p. 10). O nômade vai um pouco à contramão da identidade nacional. O nomadismo é um modo de pensar, sobretudo, a subjetividade feminina, uma vez que envolve um movimento contrário à fixação de normas e de definições de sujeito como exilado ou imigrante, indo numa direção além-fronteiras. Esse sujeito está em processo num mundo em movimento (BRAIDOTTI, 2000, 2002), porém as fronteiras continuam existindo e, assim, há ainda a necessidade de se falar em “identidades” (TORRES SBARBATI, 2004), embora o nomadismo critique isso.

Segundo Michel Maffesoli (1999), o nomadismo está presente na estrutura do ser humano, no mundo ocidental, desde a época helênica. Este universo de errância, diáspora, nomadismo e “vagabundagem”, em que se encontram viajantes, bárbaros, mendigos, artistas, saltimbancos, predicadores, bailarinos, *compagnons*, monges ou estrangeiros, evoca ao mesmo tempo

aventura, novidade e desconfiança, pois o “viajante apresenta um risco moral inegável e, isto, porque ele é portador de novidades” (MAFFESOLI, 1999, p. 129). A figura do errante é vista numa ambivalência, pois congrega tanto a novidade como o risco, assim como os laços de solidariedade que unem os nômades em sua intensa mobilidade por diferentes lugares na circulação de afetos e de bens. Neste viver “fora dos caminhos trilhados” (MAFFESOLI, 1999, p. 136).

Diversos tipos de viajantes são retratados no filme *Terra Estrangeira*³, que une, sobretudo, dois contextos diferentes: em um primeiro momento, Brasil (São Paulo) e Portugal (Lisboa), e em outro, pessoas oriundas de países africanos lusófonos. Nesses diversos lugares há tanto o trânsito de pessoas, como de mercadorias e bens, muitas vezes por via do contrabando. O enredo começa com a desesperança de Paco, brasileiro de mãe espanhola (basca) residente em São Paulo, que ao ver sua genitora morrer, após uma crise econômica no início dos anos 1990, tenta uma vida nova na Espanha (mas antes passando por Portugal) para realizar o sonho materno de “voltar” para casa. Em Lisboa, ele conhece Pedro (um português amigo de Miguel e Alex) e Alex (uma brasileira que gostaria de voltar ao Brasil por se sentir estrangeira em Portugal, já que sente que o seu sotaque fere os ouvidos portugueses). As aventuras e desaventuras, bem como a solidão da imigração pontuam o filme, onde o cruzamento de fronteiras dá o tom da história de encontros além-mar.

O que caracteriza a modernidade, de modo geral, é a mobilidade, por causa da “facilidade” de locomoção, de cruzar fronteiras tendo um fluxo mais intenso de pessoas, mercadorias e informações. Nesta direção, o sujeito que é caracterizado pela mobilidade é o migrante. Por isso, este é o sujeito que melhor expressa a modernidade (CRESSWELL, 2006).

MIGRAÇÕES ESTUDANTIS E MOBILIDADES TRANSFRONTEIRIÇAS

Zygmunt Bauman (2008) afirma que a universidade, como instituição educacional, tem perdido nos últimos anos seu papel preponderante na

³Filme luso-brasileiro, de 1996, dirigido por Walter Salles e Daniela Thomas. É apontado ponto importante da retomada do cinema brasileiro nos anos 1990, em época da democratização, após longo período de ditadura militar iniciada em 1964.

transmissão de saberes e na formação de profissionais. A mesma se vêforçada a redefinir tanto seu papel como o lugar de docentes e estudantes. O próprio aprendizado é uma função social que não reside somente na escola ou na universidade, já que a família e a sociedade são instituições também encarregadas de ensinar. Outra instância que tem adquirido destaque é a mídia, que tem tomado para si muitas das atribuições da educação, como formar pessoas, ou melhor, consumidores.

A própria definição de Estudos Culturais está relacionada a repensar a educação escolar, pois há a tentativa de apagamento de fronteiras entre disciplinas e uma redefinição no modo de articular os saberes para além de suas fronteiras. Direcionando, mais especificamente, a

Saberes nômades, que migram de uma disciplina para outra, de uma cultura para outra, que percorrem países, grupos, práticas, tradições e que não são capturados pelas cartografias consagradas que têm ordenado a produção do pensamento humano... (COSTA, 2000, p. 13)

Débora Mazza (2008, 2009, 2011) ressalta a importância dos intercâmbios estudantis no ensino superior, para além da experiência acadêmica, mas também como uma exigência que se faz contemporaneamente para uma vida pessoal e profissional numa sociedade de forte tendência capitalista de competição de mercado, pautada cada vez mais por uma internacionalização dos currículos, conhecimentos e dos saberes. As bolsas de estudos de agência de fomento à pesquisa estatais (MAZZA, 2009) podem dar a possibilidade de pessoas que não são das elites (não só um privilégio reservado às elas) de realizarem intercâmbios no exterior, mas isso não necessariamente resulta em reais possibilidades de igualdade na hora de concorrer a uma vaga de emprego, por exemplo. O próprio acesso e permanência cada vez mais democrático nas universidades brasileiras acabam fazendo com que haja um inflacionamento dos diplomas e uma das saídas encontradas seria a experiência estudantil e/ou laboral no exterior. Mazza (2009, p. 523) pontua que

A tendência contemporânea de intensificação do fluxo internacional de bens, serviços, capitais, informações tem ressonância no campo da mobilidade de pessoas e práticas e das ofertas e demandas educacionais. A experiência internacional vem se apresentando como componente importante para a análise dos sistemas nacionais de educação, as estratégias familiares de diferenciação no mercado de diplomas e a formação de setores profissionais.

Apesar das bolsas de estudo concedidas por diversas agências governamentais ou de iniciativa privada, há pessoas que migram com recursos próprios, levadas por toda uma rede de investimentos familiares onde estão presentes laços de parentesco.

No estágio atual de globalização há uma maior circulação de pessoas e os estudantes internacionais são sujeitos vistos como migrantes, porém estão relacionados ao universo das migrações temporárias. Esses, sobretudo os universitários, são apontados como tendo um papel preponderante no desenvolvimento de seus países tanto na questão cultural como social. Portanto, “nessa mobilidade de estudantes internacionais, não circulam somente pessoas, circulam ideias. Elas favorecem o intercâmbio de expressões, saberes e signos de regiões e culturas”, bem como de “instrumentos de trabalho e mercadorias de consumo, sendo um mecanismo importante à manutenção transnacional” (ZAMBERLAM et al, 2009, p. 37).

Débora Mazza (2009), ao analisar as bases de dados de bolsas de estudos concedidas a brasileiros no exterior pela Capes, CNPq e Fapesp, no período de 1970 a 2000, comenta que o destino mais procurado para intercâmbio no geral foi os Estados Unidos. As agências de fomento à pesquisa estatais, via acordos bilaterais ou multilaterais com universidades de outros países, investem na formação de pesquisadores destinando recursos para aperfeiçoamento e qualificação de estudantes e professores brasileiros. Nas economias globais inseridas no contexto de globalização cada vez mais acelerada e relacionada a uma lógica de produção capitalista, vem aumentando a demanda pela qualificação que leve em conta uma experiência no exterior. Neste sentido, os intercâmbios internacionais estão cada vez mais presentes na realidade brasileira, como parte do processo de globalização e de uma lógica de competição de mercado que atinge também os diplomas. É importante ressaltar que, a crescente democratização do acesso ao ensino superior, não necessariamente significa uma maior chance de competição no mundo do trabalho, contudo, nota-se uma inflação no mercado de diplomas e isso acarreta a busca por uma maior especialização (pós-graduação) ou experiência no exterior como modo de adquirir um capital cultural e econômico, algo que acaba criando fronteiras entre grupos sociais (NOGUEIRA; AGUIAR; RAMOS, 2008).

O interesse pela mobilidade geográfica não está restrito às elites, porém somente uma pequena parcela da população teria acesso a este bem (BAUMAN, 1999 *apud* NOGUEIRA; AGUIAR; RAMOS, 2008). Há um

mercado internacional do ensino, com fortes investimentos também por parte de famílias das classes médias para que seus filhos tenham acesso ao conhecimento advindos de uma experiência internacional (NOGUEIRA; AGUIAR; RAMOS, 2008). O próprio modelo de acesso escolar opera numa lógica de *quase-mercado*, pois desde os primeiros anos de escolaridade a escolha da família pela instituição de ensino onde irá estudar uma criança fica condicionada aos índices de excelência alcançado pela escola em avaliações como o PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), por exemplo:

Em relação à questão da escolha/designação da instituição escolar, este modelo pretende autorregular-se em função dos equilíbrios entre a demanda e a oferta das vagas escolares. Assinalamos brevemente o fato de que, de acordo com ele, as famílias competem entre si para matricular seus filhos dentro de um mercado aberto de possíveis escolas, que, por sua vez, competem entre elas para obter os melhores esdardantes de excelência acadêmica que, dependendo dos contextos, podem lhes possibilitar maiores opções de financiamento público ou privado e por incorporar aquele perfil de alunado com maior probabilidade de lhes facilitar a manutenção ou superação tais níveis. (ALEGRE CANOSA, 2008, p. 71)

A escola acaba sendo um grande investimento das classes médias, apesar destas terem uma identidade muito diversificada e heterogênea, onde estratégias parentais operam para proporcionar aos seus filhos as possibilidades de adquirirem competências internacionais, que incluam habilidades linguísticas como meta de alcançar bons resultados escolares (NOGUEIRA, 2010). É interessante frisar que é “nas classes médias, mais ainda do que nas classes superiores, que a escola está fortemente integrada numa estratégia de reprodução social” (DUBET; MARTUCELLI, 1996, p. 119 *apud* NOGUEIRA, 2010, p. 219) e, por isso, há a emergência de tais investimentos por parte dos sujeitos como modo de se manter na mesma classe ou ascender socialmente. Já nas classes populares (FONSECA, 1994), nem sempre se atribui à escola um papel relevante de aprendizagem, inserção social e laboral, apesar de haver uma valorização e admiração por quem tem “gosto pelos estudos”. Contudo, a escola é apresentada num contexto de paradoxos:

O estudo de qualquer espécie é , portanto, valorizado. Os diplomas –da academia de karatê, do clube de corte e costura, de um estágio de informática ou de um curso de mecânica no SENAI –são emoldurados e pendurados na parede da sala ou então cuidadosamente incluídos no álbum de família ao lado das fotos de batismo, etc. Fala-se com orgulho dos membros da

família que têm ‘gosto pelos estudos’. (FONSECA, 1994, p. 145)

E ainda:

A escola não ocupa um lugar central na preocupação das pessoas. Em geral, as rotinas cotidianas são ordenadas por outras prioridades. Nunca vi uma criança sacrificar sua novela ou qualquer outra brincadeira em nome do tema de casa. Nunca vi uma mãe usar as aulas matinais como desculpa para mandar o seu filho para cama mais cedo. Ninguém aloca ao aluno um espaço para estudar; ninguém pede para seus irmãos gritarem menos ou baixarem o som da TV em nome de uma prova do dia seguinte. Em certos aspectos, é a escola que se adapta à rotina das famílias locais. (FONSECA, 1994, p. 148)

A educação formal está na agenda de muitos governos de sociedades democráticas que buscam distribuir de modo equilibrado a participação social da população na tomada de decisões. Quando nos confrontamos com uma população estrangeira, devem ser feitos esforços nas escolas no sentido de minimizar prévias dificuldades educativas entre “nacionais” e “estrangeiros”, já que em muitos casos o maior desafio pode estar nos conhecimentos da língua do país de acolhida. Neste sentido, “[...] equilibrar os resultados escolares dos filhos dos imigrantes com os dos nativos é a melhor estratégia para garantir a igualdade de oportunidades que facilita a integração dos imigrantes e de seus descendentes” (CEBOLLA BOADO; LARIOS PATERNA, 2009, p. 110).

Devido a isso, é importante estudar a inserção escolar de migrantes brasileiros e imigrantes estrangeiros, pois essa pode ser a primeira instituição com a qual os (i)migrantes têm contato no lugar ou país de acolhida (GUSMÃO, 2006). Ademais, a escola é um local de trabalho de professores e estudantes, de troca de saberes, onde se aprende uma nova língua e, além disso, ela tem um caráter paradoxal, pois pode propiciar uma inserção social e ao mesmo tempo ser uma zona de conflitos (SANTOS, 2014). Parece preciso considerar que:

O lugar de trabalho do professor permite um constante contato com elementos culturais da comunidade na qual a escola está inserida, tais como vestimentas, gestualidade, sotaques, músicas, expressões religiosas, etc. Tal pluralidade cultural pode ser vista como um aliado do trabalho docente, ou até como um agravante. Este profissional, por sua vez, se vê em situações em que precisa escolher entre o acolhimento, a tolerância ou eventualmente a

rejeição a certos elementos da cultura com que tem contato em seu dia a dia. No entanto, o modelo que prevalece em sala de aula ainda é o da assimilação. (SANTOS, 2014, p. 104)

O caráter de planejamento na hora de empreender uma viagem migratória é apontado como primordial para se evitar algumas surpresas indesejáveis, já que no caso de uma migração estudantil é necessário ter uma carta de aceite da instituição receptora, visto, recursos financeiros próprios, de alguma agência ou fundação pública ou privada, pois em muitos casos não está permitido ao estudante trabalhar, quando tem um visto de estudos.

Sendo assim, universidades estadunidenses e inglesas participam de feiras de estudos no Brasil com o objetivo de atrair estudantes intercambistas. O Brasil está na “mira” de países como os Estados Unidos pela posição econômica brasileira no cenário internacional e pela crescente demanda por qualificação especializada impulsionada pelo aumento do poder aquisitivo da população. A questão do posicionamento internacional do país e a busca por ampliar os laços estratégicos com outros países, que incluem a educação superior, estão na pauta da agenda de Comércio Exterior do eixo Brasil-Estados Unidos: “Vivemos num mundo cada vez mais interconectado e as universidades estão reconhecendo que precisam estar engajadas internacionalmente. Quando você pensa nos países com os quais é preciso construir um relacionamento”, é inevitável pensar que “o Brasil entra na lista de todo mundo” (SÁNCHEZ *apud* UCHOA, 2012) O próprio Programa CsF tem atraído a atenção de muitos países, como modo de captar mais estudantes brasileiros para estudarem em suas universidades, a exemplo das estadunidenses: “Estamos nos focando no Brasil porque esperamos que o Ciência Sem Fronteiras possibilite que mais estudantes, que antes não podiam vir estudar nos Estados Unidos, agora venham” (VERMEULEN *apud* UCHOA, 2012).

As relações exteriores a nível educacional entre Brasil e Estados Unidos já remontam a algumas décadas. Este tem sido o país de destino de grande parte, para não dizer a maioria, de estudantes de intercâmbio e pesquisadores brasileiros (CASTRO et al, 2012), seguido de destinos europeus como Grã-Bretanha e França (MAZZA, 2009). Também é interessante ressaltar que os Estados Unidos têm sido apontado como o principal lugar de acolhida de imigrantes brasileiros nos primeiros anos do século XXI (BRASIL, 2011a).

Já ao falar das migrações internas no Brasil, é importante ressaltar a migração campo-cidade, às vezes evocada como êxodo rural, que aparece

como possibilidade de retomada dos estudos para muitas pessoas na Educação de Jovens e Adultos a nível Fundamental ou Médio (VARGAS, 2003). As estratégias migratórias também podem ser acionadas por estudantes-trabalhadores de zonas rurais para darem continuidade aos estudos universitários (ZAGO, 2013).

No campo há um movimento de forte masculinização da população jovem, com menor escolaridade, e tem havido um aumento da migração de sua parcela feminina (ZAGO, 2013). As mulheres têm atingindo níveis cada vez mais altos de escolaridade se comparadas aos homens do campo. Há um êxodo rural entre os jovens que pode se dar por pelo menos dois fatores: dificuldades de acesso à terra e transformações nas relações de produção do campo. Neste sentido, muitas mulheres buscam na cidade condições de seguir com seus estudos acadêmicos, porém existe a necessidade de algumas também trabalharem para dar continuidade aos seus estudos em nível universitário. No entanto, é importante ressaltar que “essa observação de maior investimento escolar por parte das filhas não exclui as desigualdades de gênero em um universo cultural onde a divisão do trabalho, a distribuição da herança e o gerenciamento da propriedade” persistem em continuar favorecendo “os homens em detrimento das mulheres” (ZAGO, 2013, p. 3).

Para Neusa Gusmão (2011), a imigração temporária marcada por trajetórias nômades-estudantis de pessoas provenientes dos Palop (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) para estudar em universidades brasileiras em Campinas, Belo Horizonte e Fortaleza traz à tona a percepção de uma vida provisória atrelada a questões de preconceito e discriminação, além da redefinição do pertencimento ou identidade nacional, vista em um segundo plano em detrimento do genérico: ser africano. O ser *outro* e *negro* ou *outro* e *estrangeiro* marca muitas das trajetórias dos estudantes de diversos países africanos lusofalantes. Esses são denominados no Brasil de estudantes-convênio, pois são selecionados e participam de intercâmbios em âmbito acadêmico a partir de acordos firmados entre seus países e o Brasil, sendo este tipo de imigração como parte de um “[...] ‘projeto nacional de desenvolvimento’ em seus respectivos países de origem” (PEDRO, 2000, p. 19 *apud* GUSMÃO, 2011, p. 196).

Normalmente a imigração estudantil não é encarada como parte de um movimento migratório permanente, já que em geral caracteriza-se pela temporalidade e pelo período pré-determinado em que ocorrerá o

deslocamento. Apesar de também poder ser considerada como mais uma modalidade de migração (OJIMA et al, 2014), uma vez que

[...]pode ser entendida como a mudança permanente ou semipermanente de residência dentro de um determinado intervalo de tempo. Quando não atende a essa condição temporal de mudança permanente de residência, o movimento populacional não se caracteriza como migração propriamente dita. (OJIMA et al, 2014, p. 169)

O Programa *Ciências sem Fronteiras* (CsF), lançado em 2011 pelo Governo Federal para o ensino superior e tecnológico, prioriza as áreas de Engenharias e Tecnologia, Ciências da Vida e Ciências da Saúde, dando a possibilidade de se estabelecer intercâmbios com instituições universitárias da América do Norte, Europa, Ásia, Oceania e África. De modo geral, pretende aumentar o número de doutores no Brasil e articular o setor de pesquisa acadêmico com a sociedade civil e a empresarial:

A ciência brasileira apresentou significativa expansão nos últimos anos e tem produzido pesquisa de alta qualidade em diversas áreas do conhecimento. No entanto, ainda há muito por avançar. A proporção de doutores por milhão de habitantes, por exemplo, ainda está muito aquém do ideal para um país com as características de rápido crescimento econômico como o Brasil neste momento. Outro aspecto que também merece mais atenção é a baixa interação entre a pesquisa acadêmica e o setor empresarial e a sociedade civil, em geral. (BRASIL, 2011b, p. 2)

Além disso, a partir de uma ação conjunta entre os Ministérios da Ciência e Tecnologia (MCT) e da Educação (MEC) via agências de fomento à pesquisa: CAPES e CNPq, o objetivo até o final de 2014 é conceder 75.000 bolsas de estudos no exterior, buscando intercambiar conhecimentos entre “jovens talentos” e “lideranças científicas estrangeiras” (BRASIL, 2011b, p. 1). É importante ressaltar que, além de outros pré-requisitos, há a exigência de que se tenha “prova de proficiência em idioma estrangeiro” e “aceite da faculdade no exterior”, além da possibilidade de se começar a utilizar como opção de seleção a questão da “baixa renda” para concessão das bolsas de estudo (ODILLA, 2014). Além de que, “90% dos bolsistas do Ciência sem Fronteiras são de instituições públicas” a partir de um levantamento feito das bolsas concedidas entre os anos de 2011 e 2013 a estudantes de universidades e institutos federais, tendo o predomínio de instituições (públicas) federais (MORENO, 2014). Vale mencionar que através de intercâmbios internacionais

vários acordos são acionados, dando a possibilidade de se estreitarem laços bilaterais ou multilaterais entre países (OJIMA et al, 2014).

O Programa *CsF* que pretende fomentar o intercâmbio entre universidades renomadas entre o Brasil e outros países espalhados pelos diversos continentes. Por outro lado, o país também adquire relevância na atração de estudantes, sobretudo provenientes da América Latina e/ou oriundos dos Países Baixos, via outros acordos multilaterais. Entende-se que, muitas vezes a questão linguística é um ponto forte de atração para estudantes de países onde a língua portuguesa é oficial ou que guardam mais semelhanças com esta. Os Programas PEC-G (Programa de Estudantes-Convênio de Graduação) e PEC-PG (Programa de Estudante-Convênio de Pós-Graduação) atraem os chamados estudantes-convênio ao Brasil, que encontram aqui a oportunidade de estudar no ensino superior a nível de graduação e pós-graduação. Neste caso, esses têm se mostrado um importante modo de estabelecer acordos multilaterais na área de educação superior, já que “[...] o Brasil se colocaria no contexto internacional de educação superior como um importante polo de atração para países em situação de desenvolvimento econômico menos favorável” (OJIMA et al, 2014, p. 184).

O CsF conta com bolsas financiadas pelo Governo Federal e também com a parceria da iniciativa privada. Além de enviar estudantes e pesquisadores ao exterior, o Programa traz ao Brasil pesquisadores estrangeiros: “O Brasil é um polo de atração de pesquisadores. A Europa vive uma crise muito grave e os Estados Unidos também têm desemprego na área acadêmica” (MERCADANTE *apud* AMORIM, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O debate sobre educação e migração ainda segue em aberto, pois vemos cada vez mais investimentos, sobretudo na educação formal, por parte de muitas pessoas em busca da internacionalização dos estudos. Contudo, é importante ressaltar que apesar da democratização do ensino superior no Brasil as oportunidades de estudo no exterior não são as mesmas para todos. Há muitos modos de se investir nos intercâmbios internacionais tanto via financiamento do governo, como instituições e empresas privadas ou recursos próprios.

Este campo de estudo na área da educação tem despertado interesse no Brasil, apesar de haver ainda poucas produções disponíveis. Não é somente o ensino superior que é passível de ser estudado na área da educação formal, já que o contato intercultural com imigrantes pode ocorrer desde a Educação Infantil, passando pelo Ensino Fundamental e Médio.

Por isso, a Pedagogia da Mobilidade é um modo de se pensar não somente a educação e migração, mas a circulação de saberes e vivências que estão presentes nos espaços educativos, seja na escola ou no convívio com a família, amigos ou outras instâncias educativas da nossa vida. O próprio caráter ora nômade ora temporário dos deslocamentos interligando saberes dá o tom das novas conexões que podemos fazer na área da educação para além da escola. Nesse sentido, a Pedagogia da Mobilidade, bem como a Pedagogia Cultural, são formas diversas de pensarmos a educação, o modo como aprendemos e os espaços de trocas e de aprendizagens a partir de experiências que envolvem deslocamentos tanto entre cidades, estados ou países e o contato com outras pessoas.

Embora o nomadismo problematize a noção de identidade e de fronteira, acreditando que não há normas fixas e que a identidade nacional deve ser repensada a partir da noção além-fronteira, ainda é importante pensar na inter-relação entre identidade e (i)migrante. Migrante, exilado, nômade ou transmigrante são categorias que nos fazem pensar nos deslocamentos entre lugares e contatos interculturais. Nesta direção, as migrações estudantis trazem à tona a emergência de entender a educação como uma instância para além da escola.

REFERÊNCIAS

ALEGRE CANOSA, Miguel Ángel. Educación e inmigración. ¿Un *binomio problemático*?. **Revista de Educación**, n. 345, p. 61-82, enero/abril 2008.

AMORIM, Rovênia. Cresce número de estudantes brasileiros em cursos no exterior. **Ministério da Educação (MEC)**, 12 de julho de 2012. Ciências Sem Fronteiras. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17932>. Acesso em: 1 jul. 2014.

AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió: EDUFAL, 2010.

BRADOTTI, Rosi. **Sujetos Nómades: Corporización y diferencia sexual en la teoría feminista contemporánea**. Buenos Aires: Paidós, 2000.

_____. Diferença, diversidade e subjetividade nômade. **Labrys – Estudos Feministas**, n. 1-2, p. 1-16, jul./dez. 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BRASIL. Censo IBGE estima brasileiros no exterior em cerca de 500 mil. **Brasileiros no Mundo**. Brasília: Ministério das Relações Exteriores (MRE), 21 de dezembro de 2011a. Disponível em: <<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/noticias/censo-ibge-estima-brasileiros-no-exterior-em-cerca-de-500-mil>>. Acesso em: 1 jul. 2014.

_____. **Programa Ciência sem Fronteiras**. Um Programa Especial de Mobilidade Internacional em Ciência, Tecnologia e Inovação. Brasília: Ministério da Ciência Tecnologia e Inovação; Ministério da Educação, 2011b. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/Ciencia-sem-Fronteiras_DocumentoCompleto_julho2011.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2014.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CASTANHO, Sérgio. Globalização, redefinição do estado nacional e seus impactos. IN: LOMBARDI, José Claudinei (Org.). **Globalização, pós-modernidade e educação: história, filosofia e temas transversais**. Campinas, SP: Autores Associados; Caçador, SC: UnC, 2001, p. 13-37.

CASTRO, Cláudio Moura de et al. Cem mil bolsas no exterior. **Interesse Nacional**, p. 25-36, abr./jun. 2012.

CEBOLLA BOADO, Héctor; LARIOS PATERNA, María Jesús (orgs.). **Inmigración e educación**. Madrid (Espanha): Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2009.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos Culturais — para além das fronteiras disciplinares. IN: _____ (Org.). **Estudos Culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000, p. 13-36.

COSTA, Marisa V.; SILVEIRA, Rosa H.; SOMMER, Luis H.. Estudos Culturais, Educação e Pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 36-61, maio-ago. 2003.

CRESSWELL, Tim. **On the movie**: mobility in the modern western world. London: Routledge, 2006.

DONAT, Mara. Carta di identità di una poeta “sempre” con la valigia. **Oltreoceano**. Donne con la valigia. Esperienze migratorie tra l’Italia, la Spagna e le Americhe, Udine (Itália), n. 6, p. 301-302, 2012. Disponível em: <<http://riviste.forumeditrice.it/oltreoceano/article/view/432>>. Acesso em: 1 jul. 2014.

FONSECA, Claudia Lee. Preparando-se para a vida: reflexões sobre escola e adolescência em grupos populares. **Em Aberto**, Brasília, ano 14, n. 61, p. 144-155, jan./mar. 1994.

GLICK-SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; BLANC, Cristina Szanton. From Immigrant to Transmigrant: Theorizing. *Transnational Migration*. **Anthropological Quarterly**, v. 68, n.1 (Jan.), p. 48-63, 1995.

GUSMÃO, Neusa. Os **filhos da África em Portugal** – antropologia, multiculturalidade e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. “Na Terra do Outro”: presença e invisibilidade de estudantes africanos no Brasil, hoje. **Dimensões**, v. 26, p. 191-204, 2011.

IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MAFFESOLI, Michel. El nomadismo fundador. **Nómadas**, n. 10, p. 126-142, abril 1999.

MAZZA, Débora. A circulação internacional de pessoas, saberes e práticas no campo das Ciências Humanas. Do direito à exigência. **REMHU – Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, Ano XVI, n. 31, p. 295-305, 2008.

_____. Intercâmbios acadêmicos internacionais: bolsas CAPES, CNPq e FAPESP. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 137, p. 521-547, 2009.

_____. Mobilidade humana e educação: os estudantes estrangeiros na Unicamp. **Cadernos CERU**, v. 22, n. 1, p. 239-255, jun. 2011.

MORENO, Ana Carolina. 90% dos bolsistas do Ciência sem Fronteiras são de instituições públicas. **G1**, São Paulo, 29 de janeiro de 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/01/90-dos-bolsistas-do-ciencia-sem-fronteiras-sao-de-instituicoes-publicas.html>>. Acesso em: 1 jul. 2014.

NOGUEIRA, Maria Alice. Classes média e escola: novas perspectivas de análise. **Currículo sem Fronteiras**, v. 10, n. 1, p. 213-231, jan./jun. 2010.

NOGUEIRA, Maria Alice; AGUIAR, Andreia; RAMOS, Viviane. Fronteiras desafiadas: a internacionalização das experiências escolares. **Educação & Sociedade**, v. 29, n. 103, p. 355-376, maio/ago. 2008.

ODILLA, Fernanda. Dilma cogita limitar Ciências Sem Fronteiras a estudantes de baixa renda. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 de setembro de 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/09/1515939-dilma-cogita-limitar-ciencia-sem-fronteiras-a-estudantes-de-baixa-renda.shtml>>. Acesso em: 30 set. 2014.

OJIMA, Ricardo et al. Migrações internacionais motivadas por estudo: uma análise sociodemográfica dos estudantes estrangeiros radicados no Brasil. **Percursos**, v. 15, n. 28, p. 166-189, jan./jun. 2014.

PRIBERAM. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/DLPO>>. Acesso em: 23 jul. 2014.

SANFELICE, José Luis. Pós-modernidade, globalização e educação. In: LOMBARDI, José Claudinei (Org.). **Globalização, pós-modernidade e educação: história, filosofia e temas transversais**. Campinas, SP: Autores Associados; Caçador, SC: UnC, 2001, p. 3-12.

SANTOS, Miriam de Oliveira. Migração e educação: analisando o cotidiano escolar na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. **Percursos**, v. 15, n. 28, p. 95-119, jan./jun. 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TORRES SBARBATI, Helena. ¿Sastres o modelos?:la constitución de las identidades. Aplicaciones de la teoría del nomadismo a la acción política. **Historia Actual Online**,n. 3, p. 93-97, invierno 2004.

UCHOA, Pablo. Universidades americanas fazem ‘ofensiva’ por alunos no Brasil. **BBC Brasil**, Washington, 23 de agosto de 2012. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/08/120822_eua_educacao_br_asil_pu_ac.shtml>. Acesso em: 1 jul. 2014.

VARGAS, Sonia de. Migração, diversidade cultural e Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Educação & Realidade**, v. 28, n.1, p. 113-131, jan./jul. 2003.

ZAGO, Nadir. Em busca de novos horizontes: migração e ensino superior no projeto de jovens de origem rural. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, n. 10, 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, p. 1-11. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1385582531_ARQUIVO_NadirZago.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2014.

ZAMBERLAM, Jurandir et al. **Estudantes internacionais no processo globalizador e a internacionalização do ensino superior**. Porto Alegre: Solidus, 2009.

*Recebido em dezembro de 2014
Aprovado em maio de 2015*